



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CAMPUS AGRESTE

NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

GÉSSICA MARIA BEZERRA DE AMORIM

COLETIVO ACAUÃ:

uma proposta para pensar o jornalismo local, os desertos de notícia e a produção
jornalística nos municípios de Flores e Betânia

CARUARU

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CAMPUS AGRESTE

NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

RELATÓRIO CIENTÍFICO

COLETIVO ACAUÃ:

uma proposta para pensar o jornalismo local e os desertos de notícia nos municípios
de Flores e Betânia

GÉSSICA MARIA BEZERRA DE AMORIM¹

CARUARU

2022

¹ Graduanda em Comunicação Social pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. E-mail: gessica.amorim.fa@gmail.com

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Amorim, Géssica Maria Bezerra de.

COLETIVO ACAUÃ: uma proposta para pensar o jornalismo local e os
desertos de notícia nos municípios de Flores e Betânia / Géssica Maria Bezerra
de Amorim. - Caruaru, 2022.

33f. : il.

Orientador(a): Fabiana Moraes da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. jornalismo independente. 2. jornalismo local. 3. desertos de notícias. 4.
quase desertos. I. Silva , Fabiana Moraes da . (Orientação). II. Título.

070 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria de Fátima e Zé de Santa, por terem me ajudado no que foi possível, durante o período em que estive longe de casa, estudando, aprendendo e buscando realizar sonhos.

Ao meu irmão Jakson (que, para nós, é “Roque”), por cada palavra e cada ação de incentivo, fundamentais para a minha permanência no curso e conclusão dele.

À Monique, pessoa e presença diluída em todo o processo e caminho até aqui, agradeço pelo amor e companheirismo.

À Simone, companheira de viagens e aventuras, sou grata pela amizade, alegria e parceria de sempre.

A Cladisson, agradeço a amizade bonita e sincera (Deus está vendo) que construímos e que tantas vezes me sustentou durante o curso.

A Marcio, pela leveza, sinceridade e parceria em todo o processo de concepção e construção do Coletivo Acauã.

A Maryane e Mayara agradeço o apoio, incentivo e por acreditarem nesse projeto.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Sheila Borges e Laercio Portela, pelo interesse e disponibilidade.

A todos os professores do curso de Comunicação Social, que colaboraram para a minha formação. Trago em destaque os nomes de Ricardo Saboia, Amanda Mansur, Iomana Rocha, Juliana Leitão, Sheila Borges e agradeço especialmente a Fabiana Moraes, professora e orientadora, grande referência acadêmica e profissional no jornalismo, por ter me aceitado como orientanda e por todos os ensinamentos ao longo dos quase cinco anos de curso.

RESUMO

O presente trabalho trata da apresentação da proposta de construção do Coletivo Acauã, um veículo de jornalismo independente que tem como objetivo atuar preenchendo lacunas noticiosas em municípios que têm pouca ou nenhuma cobertura de imprensa, sendo considerados quase desertos ou desertos de notícias. A princípio, os locais escolhidos para a atuação do coletivo são os municípios pernambucanos de Betânia e Flores, localizados no sertão do estado. Por possuírem apenas um veículo de comunicação local atuante em seus territórios, ambos são considerados “quase desertos de notícias”. Este trabalho é apresentado como uma alternativa para melhorar a produção jornalística das duas cidades e buscar difundir com credibilidade e compromisso informações sobre e para a sua população.

Palavras-chave: jornalismo independente; jornalismo local; desertos de notícias; quase desertos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	OBJETIVOS	7
2.1	Objetivo geral	7
2.2	Objetivos específicos	7
3	JUSTIFICATIVA	8
4	METODOLOGIA.....	9
5	DESERTOS DE NOTÍCIAS E O JORNALISMO LOCAL E INDEPENDENTE....	10
5.1	O FORTALECIMENTO DO JORNALISMO INDEPENDENTE DIGITAL	11
5.2	Experiência no OVA e na Marco Zero Conteúdo	14
6	A PROPOSTA DO COLETIVO ACAUÃ	15
6.1	O PROJETO	16
6.1.1	A nossa identidade	17
6.1.2	O Coletivo Acauã e as redes sociais.....	20
6.1.3	<i>O aprendizado e as “matérias - piloto” do Coletivo Acauã.....</i>	22
7	CONCLUSÃO.....	26
	REFERÊNCIAS	28
	APÊNDICE A – CONTEÚDOS PRODUZIDOS PELA AUTORA	29

1 INTRODUÇÃO

Quase Desertos e Desertos de Notícia são, respectivamente, os nomes dados aos municípios que têm pouca ou nenhuma cobertura de imprensa local (PROJOR, 2022). Segundo o Atlas da Notícia (2022)², esses municípios têm, em média, cerca de 7 mil habitantes e correspondem a 62% dos quase 6 mil municípios brasileiros, estando a sua maioria localizada em estados do Norte e Nordeste do país - regiões que, segundo a pesquisa, são as que mais possuem desertos noticiosos em todo o Brasil.

Betânia (Sertão do Moxotó) e Flores (Sertão do Pajeú) são pequenos municípios pernambucanos que têm pouca cobertura de imprensa local. Os veículos de jornalismo das duas cidades são blogs ou páginas no *Facebook* que publicam informações locais com uma periodicidade incerta e dependente da venda de espaço para comerciantes ou políticos patrocinadores. Em Betânia, há destaque para a página “Betânia Hoje” e em Flores, para o “Blog Júnior Campos”.

Para Chomsky (2003), esse tipo de produção jornalística, sustentada por anunciantes e patrocinadores que estabelecem com a informação uma relação de interesse exclusivamente comercial ou político, acaba colocando o jornalismo dentro de um limite que o torna vulnerável a interferências comerciais e políticas, sob uma falsa ideia de desprendimento, objetividade e imparcialidade, que acabam depurando o que deve ser informado, denunciado ou discutido publicamente.

Entende-se que, nesse sentido, sem uma produção independente, os blogs e as páginas das redes sociais que publicam assuntos relacionados às suas localidades podem não contribuir efetivamente para a informação dos cidadãos e nem para a cobrança justa de ações e reparações necessárias por parte do poder público, em situações que precisam ser denunciadas, discutidas e solucionadas dentro das suas possibilidades.

E este trabalho tem como propósito apresentar o Coletivo Acauã, uma proposta de veículo jornalístico independente que tem como objetivo principal melhorar a difusão de informações sobre e para moradores dos municípios de Betânia e Flores.

No capítulo 5, promovemos uma breve discussão a respeito dos desertos de notícia e da importância do jornalismo local e independente no preenchimento de

² Pesquisa do Instituto Para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), que mapeia o jornalismo local no Brasil. Disponível em: <<https://www.atlas.jor.br/>>

lacunas noticiosas em municípios com pouca ou nenhuma cobertura de imprensa, além de mencionarmos iniciativas que, dentro desse nicho, estão cumprindo, em lugares que antes eram desertos de notícias, um papel informativo relevante e de credibilidade.

No capítulo 6, abordaremos a minha experiência enquanto integrante do projeto de pesquisa Reportagens Especiais, do Observatório da Vida Agreste (OVA) e estagiária do coletivo de jornalismo independente Marco Zero Conteúdo.

No capítulo 7, apresentamos o projeto do Coletivo Acauã, com a sua proposta, a sua linha editorial e a sua identidade visual, além das plataformas utilizadas para o compartilhamento de informações e a apresentação de reportagens piloto publicadas nas redes do coletivo, para testar a viabilidade, o caminho das abordagens e o interesse dos leitores pelo que pretendemos produzir.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Desenvolver um projeto de veículo de jornalismo independente para melhorar a difusão de informações sobre e para moradores dos municípios de Flores e Betânia, no sertão de Pernambuco, considerados quase desertos de notícia.

2.2 Objetivos específicos

- Promover uma breve discussão sobre os desertos de notícia e a importância do jornalismo local;
- Discorrer sobre a experiência de ter integrado as equipes do Observatório da Vida Agreste (OVA) e da Marco Zero Conteúdo;
- Apresentar a proposta do Coletivo Acauã.
- Criar um contraponto às narrativas tradicionais sobre os locais de onde falaremos;
- Exercitar o nosso olhar e sensibilidade diante do outro;
- Usar as redes sociais como canais para promover a produção jornalística independente e local em Flores e Betânia.

3 JUSTIFICATIVA

O Atlas da Notícia (2022), pesquisa do Instituto Para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), que mapeia o jornalismo local no Brasil, e uma das principais fontes para a busca de dados e informações sobre jornalismo local e desertos de notícias, destaca que

Um município sem jornalismo local, que não possui uma cobertura noticiosa própria, é carente de informações independentes para que sua população possa votar, cobrar os governantes e saber mais sobre serviços, problemas e acontecimentos específicos daquela localidade. (Atlas da Notícia, 2022. Disponível em: <<https://www.atlas.jor.br/>>. Acesso em: 17 de jan. de 2022).

Atualmente, as regiões com maior número de desertos são Norte e Nordeste, com um percentual de 68,9% e 63,3%, respectivamente (ATLAS, 2021). Em Flores, cidade com cerca de 22.618 habitantes, se destaca o *Blog Junior Campos Notícias*, do atual secretário de Ação Governamental do município, Luiz Campos Nunes da Silva Júnior. Já Betânia, com 12.719 habitantes (IBGE/2015), tem como destaque a *Betânia Hoje*, página com pouco mais de 7 mil seguidores mantida no *Facebook*.

Nos veículos dos dois municípios, em alguns casos, o intervalo das publicações chega a ultrapassar um mês. No geral, o que alimenta e dá volume aos *blogs* e páginas de notícias no *Facebook* são informações de cidades vizinhas, que, em números, chegam a ultrapassar a quantidade local. Além disso, grande parte dos textos são do tipo “publieditorial”, patrocinados por empresas ou indivíduos que pagam pela publicação - como também acontece na atividade dos veículos da grande mídia corporativa.

Percebendo a falta de cobertura de imprensa local feita por veículos de jornalismo independentes de anunciantes nos municípios de Flores (Sertão do Pajeú) e Betânia (Sertão do Moxotó), se faz necessário pensar na elaboração de um projeto de veículo jornalístico que noticie e difunda, com qualidade e autonomia, o que acontece nesses lugares. É importante entender como as lacunas noticiosas e a falta de autonomia prejudicam o desenvolvimento de um jornalismo de qualidade nesses municípios, como também é importante discutir e elaborar projetos que proponham transformações positivas nesses espaços.

Tendo como base e orientação o que aprendi sobre a prática e a importância do jornalismo local e independente de anunciantes enquanto integrei a equipe do projeto de extensão Reportagens Especiais, do Observatório da Vida Agreste (OVA), cobrindo a pandemia em municípios com pouca ou nenhuma cobertura de imprensa, e o tempo que estagiei na Marco Zero Conteúdo, veículo de comunicação independente com base no Recife, apresento o Coletivo Acauã como uma alternativa para preencher lacunas noticiosas em Flores e Betânia. O projeto pode ser uma opção para pensar a necessidade da cobertura local em pequenos municípios e entender e considerar o afastamento da interferência de interesses externos da produção jornalística, visando, apenas, o propósito de informar a população e dar visibilidade às suas ações e necessidades.

4 METODOLOGIA

Para desenvolver a proposta do Coletivo Acauã, foi necessário buscar dados e informações e ações que sustentassem o projeto como uma opção para pensar o jornalismo local e os desertos de notícias, atuando nas cidades de Flores e Betânia, no Sertão de Pernambuco. Para fundamentar o principal objetivo do coletivo, foram utilizadas como base pesquisas que abordam e aprofundam o tema e, especialmente, as informações disponibilizadas publicamente pelo projeto Atlas da Notícia, pesquisa coordenada pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), que, desde 2017, vem mapeando o jornalismo local em todo o país, fazendo levantamentos por iniciativa própria, contando com a ajuda de colaboradores de todas as regiões do Brasil.

Com um caráter descritivo, foi feita uma pesquisa qualitativa sobre as publicações e abordagens de páginas e blogs de notícia atuantes em Flores e Betânia, para apoiar a construção da proposta do Coletivo Acauã como uma alternativa para preencher lacunas noticiosas nos municípios escolhidos para a atividade do veículo.

Para inserção do coletivo no meio digital, divulgação e difusão das suas produções, desenvolvemos uma identidade visual, escrevemos sobre os objetivos da proposta e sobre as suas referências no meio do jornalismo independente de anunciantes. Além disso, nos cadastramos nas principais redes sociais que,

atualmente, também são utilizadas para o compartilhamento de informações: *WhatsApp, Facebook, Medium, Instagram e Twitter*.

5 DESERTOS DE NOTÍCIAS E O JORNALISMO LOCAL E INDEPENDENTE

No Brasil, cinco em cada dez municípios são desertos de notícia. Mais de 2.900 cidades, onde vivem mais de 29 milhões de pessoas, não têm cobertura de imprensa local (ATLAS, 2021).

Segundo o Atlas da Notícia (2021), o número de veículos independentes cadastrados no Nordeste é de 2.747. A pesquisa mostra que a região tem uma população de 43,289 milhões de habitantes e uma média de 6,3 veículos para cada 100 mil pessoas, considerando os segmentos de TV, rádio, impresso e digital. Com relação ao estado de Pernambuco, o Atlas mostra uma população de 6,690 milhões de pessoas, 318 veículos cadastrados e uma média de 4,7 veículos para cada 100 mil habitantes.

Em um estudo publicado em 2019, o Atlas apontou uma correlação dos desertos de notícias com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Segundo a pesquisa, nos municípios com maior IDH, o jornalismo local é mais presente. Essa relação nos leva a despertar para uma reflexão sobre a necessidade da democratização do acesso à mídia e da abertura para a produção jornalística independente e local, em lugares sem nenhuma cobertura de imprensa.

Com informações sobre as suas localidades, os cidadãos têm em mãos a possibilidade de avaliar e discutir problemas sociais que antes eram mantidos distantes do seu conhecimento. “A população passa a desenvolver uma autoconsciência crítica que, para além da opinião emitida pela esfera pública literária sobre livros, textos e obras de arte, passa a atingir as estruturas das organizações sociais” (BORBA, 2019, p.11).

Para Tenório (2005), é através da comunicação e do acesso à informação que a sociedade civil se expressa e alcança a esfera pública, ganhando espaço para o diálogo entre a sociedade civil e o Estado, discutindo e tomando decisões sobre políticas públicas.

É justo entender que, sem interferência política e comercial, o jornalismo local e independente pode ser um agente propulsor do desenvolvimento, sem que as

informações sejam difundidas sob os limites das intenções dos patrocínios vindos de instituições privadas e de indivíduos interessados em seu monopólio.

5.1 O FORTALECIMENTO DO JORNALISMO INDEPENDENTE DIGITAL

O chamado jornalismo independente se distancia de interesses do Estado e do poder econômico e midiático. No geral, é definido assim por ser realizado sem vinculação econômica ou editorial com grandes grupos empresariais, ao contrário da mídia corporativa (LIMA, 2009).

Difundido principalmente no meio digital, o jornalismo independente trouxe ao jornalismo e aos jornalistas uma maior possibilidade de diminuir fronteiras, gerar mais discussões e iluminar histórias de um modo que sempre foi tolhido pela mídia tradicional.

Poente para várias empresas da mídia tradicional, a transição para o jornalismo pós-industrial representou uma luminosa oportunidade para profissionais recém-desligados de corporações do setor e/ou insatisfeitos com as práticas, conteúdo e condições de trabalho na grande mídia. Aproveitando as possibilidades de se conectar aos consumidores sem mais precisar da intermediação da indústria e da sua engrenagem de produção e distribuição de notícias, vêm surgindo, no mercado digital brasileiro, organizações jornalísticas sem fins lucrativos, focadas no resgate da atividade a serviço do interesse público. Levando a uma escalada um movimento iniciado pelos blogs, esses grupos alargam as fronteiras das decisões, filtros e valores envolvidos na apuração, processamento e compartilhamento das informações (LACERDA, 2016, p.61).

Em 2016, a Agência Pública, primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do país, publicou o Mapa do Jornalismo Independente do Brasil. De início, foram catalogadas 79 iniciativas espalhadas por 12 estados, com formas de financiamento variadas. O mapa mostrou que, a partir de 2006, pelo menos um veículo de jornalismo independente surgiu no Brasil. De 2013 para 2014, a fundação de novos veículos saltou para 18.

Com as informações fornecidas pelos veículos catalogados, a Agência Pública também mapeou a forma como essas organizações se sustentam financeiramente:

“Entre as 79, 32 têm caráter comercial e 47 são sem fins lucrativos. Dos 57 veículos que possuem alguma forma de financiamento, 35 mencionaram fontes de renda variadas e 22, somente uma” (Agência Pública, 2016).

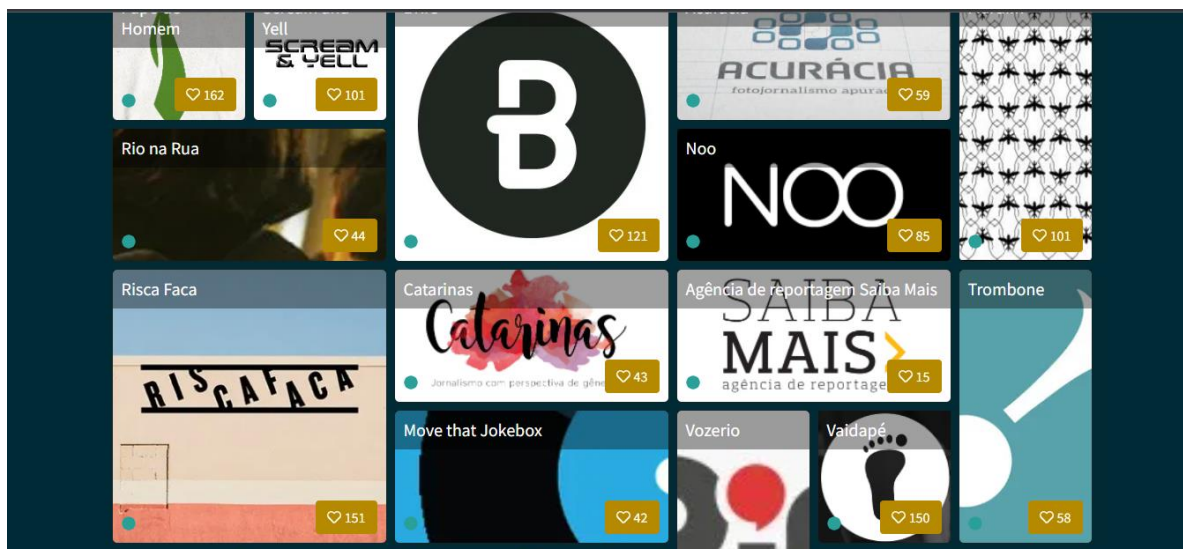


Figura 1- Site da Agência Pública - Mapa do Jornalismo Independente no Brasil. Fonte: Agência Pública (2022)

Dentro da seleção da Agência Pública estão iniciativas como as que foram listadas abaixo. Nos quadros de apresentação, a agência disponibiliza informações a respeito da fundação, do conteúdo, dos objetivos e de como cada veículo se mantém financeiramente:

Amazônia Real: A agência Amazônia Real nasceu em 2013 e tem o objetivo de dar oportunidade de direitos e acesso à mídia à população amazônica, inclusive as mulheres indígenas e não indígenas, produzindo e difundindo informação de qualidade e profunda na própria região por meio dos seguintes eixos temáticos: meio ambiente, povos indígenas, povos tradicionais, conflitos agrários, direitos humanos e contas públicas. Como se mantém? Com doações de Pessoas Jurídicas, doações de Pessoas Físicas e recursos próprios.

Repórter de Rua: O Repórter de Rua é um coletivo independente de reportagem nascido em Mossoró, interior do Rio Grande do Norte, em 2013. O foco do trabalho da equipe é a reportagem de rua, aquela em que os repórteres “sujam o pé de lama” e sentem prazer nisso. Uma resposta à fuga do

jornalismo narrativo tão em falta nos jornais. Todas as reportagens são produzidas em formato multimídia. O coletivo nasceu no município de Mossoró, interior do Rio Grande do Norte, e as pautas são predominantemente sobre realidades existentes nos municípios potiguares. Como se mantém? Com recursos próprios.

Repórter Brasil: O jornalismo da Repórter Brasil tem experiência em monitorar os problemas trabalhistas e impactos socioambientais dos maiores setores econômicos do país. Um dos diferenciais é a habilidade de rastrear cadeias produtivas de ponta a ponta: revelando a ligação entre violações de direitos humanos e ambientais na base da produção e as grandes marcas nacionais e internacionais responsáveis por isso. De onde é? São Paulo, com cobertura nacional. Como se mantém? Publicidade no site, crowdfunding, doação de Pessoas Jurídicas, doações de Pessoas Físicas, grants e doações de entidades nacionais e internacionais. (Agência Pública, 2016. Disponível em: <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/#>>. Acesso em: 17 de mar. de 2022).

O jornalismo independente tem como uma das suas principais características a busca por formas alternativas de financiamento e a abordagem de temáticas pouco tratadas na mídia corporativa.

“Grupos de jornalistas se unem a equipes multidisciplinares formadas por designers, programadores, administradores entre outros para dar aos brasileiros acesso a informações de qualidade e formadora de opinião pública que fortaleça os princípios de uma sociedade mais justa e igualitária. Cabe agora a sociedade civil, empresas, fundações e até incentivos provenientes de políticas públicas apoiarem, colaborarem e fortalecerem estas iniciativas para que consigam se manter em um espaço distinto das corporações midiáticas, que sempre monopolizaram as receitas e as informações disponibilizadas nos meios de comunicação no país.” (RAMOS, 2015, p. 116)

Para a profissionalização e o fortalecimento, o jornalismo independente também pode contar com a Associação de Jornalismo Digital (Ajour), fundada em maio de 2021. Atualmente, a organização conta com 30 projetos associados e trabalha para fortalecer e estimular a atividade jornalística digital.

A Ajour estrutura as suas atividades criando mecanismos de suporte para a profissionalização, o desenvolvimento e a segurança institucional dos seus projetos associados por meio de parcerias e de iniciativas de formação. Além disso,

acompanha decisões que afetam o exercício do jornalismo profissional, implementa medidas de segurança jurídica e digital, fortalece iniciativas de fora do eixo Rio – São Paulo e de grupos historicamente invisibilizados, como também dá suporte para organizações que desenvolvam políticas relacionadas à diversidade.

5.2 Experiência no OVA e na Marco Zero Conteúdo

Criado em 2016, pelas professoras Sheila Borges e Teresa Lopes, o Observatório da Vida Agreste (OVA) é um projeto que agrega pesquisas e extensões sobre mídia e comunicação, realizadas no Núcleo de Design e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Em 2020, com o projeto de extensão Reportagens Especiais, coordenado pela professora e jornalista Fabiana Moraes, o OVA iniciou a cobertura jornalística da pandemia da Covid-19 em cidades do Agreste e Sertão do estado. Tive a oportunidade de integrar a sua equipe por quase dois anos (de junho de 2020 a abril de 2022) e, nela, a nossa primeira atividade foi a produção semanal de boletins informativos sobre os números da Covid-19 nas cidades de Surubim, Lagoa dos Gatos, Caruaru (localizadas no Agreste) e Flores (Sertão do Pajeú).

O nosso objetivo era publicar informações sobre a pandemia a partir de lugares que estavam - e costumam estar, na verdade - fora do radar da grande mídia corporativa naquele momento. Com a nossa produção jornalística voltada para lugares com pouca ou nenhuma cobertura de imprensa, começamos a assimilar a importância do jornalismo local nesses espaços. Com o nosso trabalho, de cada município, acompanhamos números, informamos a população, denunciemos negligências e cobramos ações.

Escrevendo a partir de Sítio dos Nunes, distrito do município de Flores, para além do aprendizado com os números, com a apuração e a produção textual jornalística, aprendi sobre a importância de nos reconhecermos nas informações que consumimos. Isso nos ajuda a gerar discussões nos nossos espaços, buscarmos soluções para problemas comuns e ficarmos atentos ao que acontece ao nosso redor.

Do Sertão, para o OVA, produzimos textos a respeito do trabalho de agricultores do distrito, ajudamos a denunciar a falta de água nas torneiras dos moradores durante a pandemia, debatemos com a população a necessidade de um valor digno para o Auxílio Emergencial – que, no auge da pandemia, era elaborado

dentro de um valor que não favorecia os beneficiários naquele momento - e conhecemos e contamos histórias de pessoas que inspiraram e direcionaram os nossos trabalhos seguintes.

Com o avanço das nossas produções, o projeto firmou uma parceria com a Marco Zero Conteúdo, coletivo de jornalismo investigativo e independente sem fins lucrativos, baseado na cidade do Recife, que passou a publicar os nossos textos e nos ajudou a levar as nossas informações para outros territórios.

Através dessa parceria, tive a oportunidade de estagiar na Marco Zero e comecei a me aproximar ainda mais do jornalismo independente e da sua importância social, além de adquirir noções de como buscar recursos para manter a produção de um veículo de comunicação sem comprometer a liberdade da sua linha editorial, as escolhas das pautas e a integridade dos seus propósitos.

Durante o meu estágio, que começou em maio de 2021 e foi até julho de 2022, escrevi textos para notas, pequenas matérias e também tive liberdade para produzir reportagens sobre os lugares e pessoas que conheço na região onde moro.

Na Marco Zero, também pude contar histórias de pessoas, falar sobre a cultura e tratar de problemas do meu lugar. Em novembro de 2021, cheguei a ganhar o Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo, na categoria estudante-texto, com o texto “Francisca dos Santos, a última umbandista do quilombo Teixeira”, que fala sobre as dificuldades que uma agricultora aposentada encontra para praticar a sua religião numa comunidade quilombola que tem sido convertida ao protestantismo, na zona rural do município de Betânia, no Sertão do Moxotó.

Tanto o OVA, quanto a Marco Zero Conteúdo, contribuíram de maneira expressiva para o meu aprendizado, enquanto estudante de Comunicação Social. Integrando o projeto e estagiando no coletivo, pude me aproximar de pessoas, histórias e situações que aguçaram o meu olhar e potencializaram a minha sensibilidade.

6 A PROPOSTA DO COLETIVO ACAUÃ

Os municípios de Betânia e Flores estão localizados nos sertões do Moxotó e Pajeú, respectivamente. O primeiro, tem cerca de 12.811 habitantes e, o segundo, cerca de 22.612 (IBGE/2010). De acordo com o Atlas da Notícia (2021), as duas

cidades são consideradas quase desertos de notícias, pois cada uma possui apenas um veículo de comunicação difundindo informações locais.

Em Betânia, a página *Betânia Hoje*³, mantida no *Facebook*, conta com um número de seguidores que ultrapassa os 7 mil e as suas publicações têm relação com a política e o cotidiano local e de cidades vizinhas. A frequência das postagens na página é incerta e no veículo há espaço para propagandas.

Já em Flores, as informações locais são difundidas pelo *Blog Júnior Campos*⁴, que costuma publicar conteúdos que também são relacionados à política e o cotidiano local e de outras cidades vizinhas. O conteúdo do *blog* também é aberto a anúncios e as publicações mais frequentes, chegando a serem diárias.

Geralmente, páginas e *blogs* de notícias como as de Betânia e Flores fazem parte de uma categoria que nasce de iniciativas individuais e com “um tom pessoal, não necessariamente jornalístico, e sem a pretensão de se tornarem veículos autossustentáveis”. (Agência Pública, 2016).

Segundo o Atlas da Notícia (2021), municípios que são considerados quase desertos de notícias e que possuem veículos de comunicação com essas características, correm o risco de se tornarem desertos de notícias, sem nenhuma cobertura de imprensa local. Para o Atlas, estes veículos acabam se tornando vulneráveis a interferências do meio político e empresarial ou perdem força por surgirem de iniciativas pessoais, sem uma garantia de compromisso com a prática jornalística.

6.1 O PROJETO

Nesse cenário, nos distanciando da dependência de anunciantes e do interesse privado, fazendo circular informações e discussões sobre e, especialmente, nos lugares de onde falaremos, apresentamos o Coletivo Acauã como uma proposta para preencher lacunas noticiosas em Betânia e Flores, construindo nos municípios novos caminhos e formas de visibilizar pessoas e histórias.

A nossa missão será prestar à sociedade, através da produção de um conteúdo sólido e de credibilidade, um serviço que viabilize o alcance a boas histórias, a

³ Página Betânia Hoje. Disponível em: < <https://www.facebook.com/betaniahoje> >. Acesso em: 15 de abril de 2022.

⁴ Blog Júnior Campos. Disponível em: < <https://juniorcampos.net/> >. Acesso em: 15 de abril de 2022.

denúncias, discussões e à construção de aberturas para solucionar problemas de ordem social. O nosso segmento é o jornalismo independente digital e o nosso foco, o jornalismo local e os desertos de notícias.

Pretendemos dar atenção e visibilidade a problemas, pessoas e histórias que são pouco vistos e difundidos pela mídia corporativa tradicional e enxergar lucidamente a nossa relação com as fontes e os assuntos que iremos abordar, respeitando normas e procedimentos que estruturam a ética jornalística.

6.1.1 A nossa identidade

Em boa parte dos sertões, a Acauã é considerada uma ave de mau-agouro. No folclore sertanejo, dependendo do lugar ou hora em que ela apareça, o seu canto pode trazer sorte, prenunciar a chegada da seca (caso pouse em um galho seco), da chuva (caso o galho seja verde) ou a morte de alguém. O Acauã é um pássaro mensageiro, com beleza e inconstância na transmissão e sentimentos provocados pelas suas mensagens, que podem ser boas ou ruins, nos fazendo ter medo ou alegria, como também pode acontecer no jornalismo.

As cores, os traços e as fontes escolhidas para compor a identidade visual do Coletivo Acauã fazem parte de um conjunto de referências que nos remetem a crenças populares que caracterizam a Acauã como um pássaro mensageiro. A ave é citada na música “Acauã”⁵, composta pelo poeta sertanejo José de Sousa Dantas Filho, mais conhecido como Zé Dantas, e gravada por Luiz Gonzaga em 1952:

"Acauã, acauã vive cantando
Durante o tempo do verão
No silêncio das tardes agourando
Chamando a seca pro sertão
Chamando a seca pro sertão
Acauã, Acauã,
Teu canto é penoso e faz medo
Te cala acauã,
Que é pra chuva voltar cedo

⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=V4vWmC0uJTQ> > . Acesso em: 20 de jan. de 2022.

Que é pra chuva voltar cedo
Toda noite no sertão
Canta o João Corta-Pau
A coruja, a mãe da lua
A peitica e o bacurau
Na alegria do inverno
Canta sapo, gí e rã
Mas na tristeza da seca
Só se ouve acauã
Só se ouve acauã
Acauã, Acauã..."

A seguir, apresento imagens com variações da nossa logo, informações a respeito das fontes, paleta de cores que usaremos e também outras logos de projetos que inspiraram a construção do Coletivo Acauã.



Figura 2 - Logo - Coletivo Acauã. Fonte: A autora (2022).



Figura 3 - Identidade Visual – Coletivo Acauã. Fonte: A autora (2022).



Figura 4 - Identidade Visual – Coletivo Acauã. Fonte: A autora (2022)

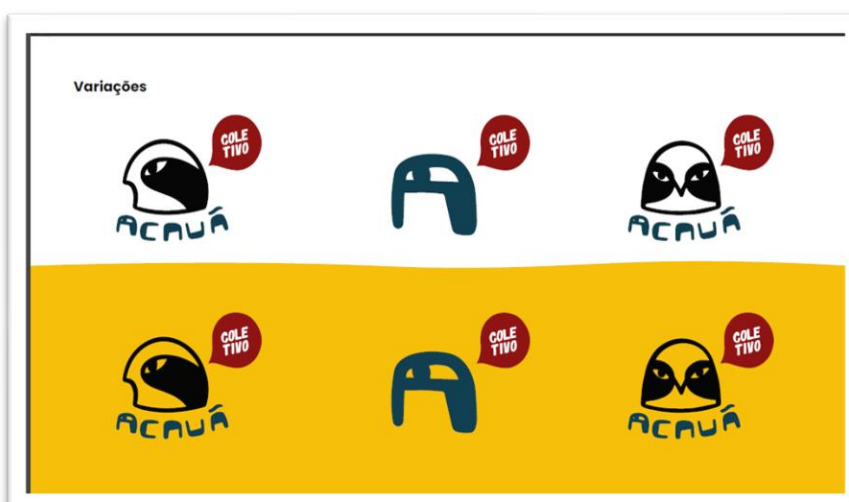


Figura 5 - Variações de logo - Coletivo Acauã. Fonte: A autora (2022).



Figura 6 - Fontes e paleta de cores - Coletivo Acauã. Fonte: A autora (2022).



Figura 7- Mapa mental da identidade visual - Coletivo Acauã. Fonte: A autora (2022).



Figura 8- Identidades visuais de veículos que inspiraram a construção da logo do coletivo. Fonte: A autora (2022).

6.1.2 O Coletivo Acauã e as redes sociais

As redes sociais também são espaços de circulação de informação. Para compartilhar o nosso conteúdo e difundir as informações dos lugares de onde falaremos, cadastramos o coletivo no Instagram, no Twitter, no Facebook e no Medium, para usarmos a nosso favor as ferramentas e direcionamentos de que cada rede dispõe, isoladamente, e, assim, podermos disseminar, entre os seus usuários, as nossas produções.

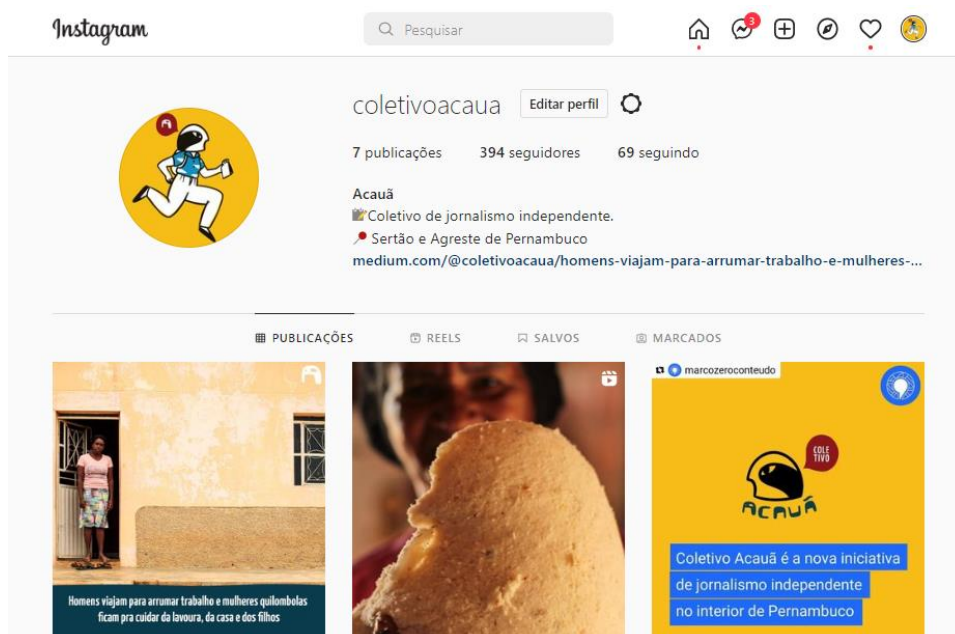


Figura 9- Coletivo Acauã no Instagram. Fonte: A autora (2022).



Figura 10 - Coletivo Acauã no Twitter. Fonte: A autora (2022).



Figura 11 - Coletivo Acauã no Facebook. Fonte: A autora (2022).



Figura 12 - Coletivo Acauã no Medium. Fonte: A autora (2022).

6.1.3 O aprendizado e as “matérias - piloto” do Coletivo Acauã

Em 7 de maio de 2022, nós publicamos em nosso site e na nossa página no Instagram o perfil⁶ da agricultora Geralcina Maria, de 59 anos, conhecida como Dona Gera do Beiju, moradora do Lombo das Areias, povoado localizado na divisa entre os municípios de Betânia e Serra Talhada, no sertão de Pernambuco.

⁶ Disponível em: < https://medium.com/@coletivoacaua/agricultura-%C3%A9-barriga-cheia-conhe%C3%A7a-dona-gera-a-produtora-da-goma-de-macaxeira-mais-famosa-do-lombo-das-areias-no-sert%C3%A3o?source=user_profile-----1-----> .

Lá, a agricultora é famosa por cultivar macaxeira e produzir e comercializar a goma que, geralmente, utilizamos para fazer tapioca. Por mês, ela chega a vender aproximadamente 250 quilos do produto.

Entrevistando Dona Gera, conhecendo a sua casa de farinha e a sua rotina de trabalho, foi possível notar que, no jornalismo e na entrevista, podemos abrir espaço para uma reflexão a respeito do contato entre fonte e repórter, deslocando o diálogo da técnica pura para um lugar de troca genuína e capaz de iluminar o nosso cotidiano a partir da atenção e de observações honestas que nos proporcionem, socialmente, relacionamentos mais humanos e menos mecânicos.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2002, p.8, In: Guedes Caputo, p. 26).



Figura 13 - Coletivo Acauã no Medium. Fonte: A autora (2022).

Com o título *“Homens viajam para arrumar trabalho e mulheres quilombolas ficam pra cuidar da lavoura, da casa e dos filhos”*⁷, no dia 20 de junho de 2022, foi a vez de escrevermos e publicarmos a respeito da jornada de trabalho quadruplicada das mulheres agricultoras da comunidade quilombola Teixeira⁸, que, na ausência dos maridos, que viajam para cortar cana nos estados da Bahia, Alagoas e Rio de Janeiro, precisam cuidar, sozinhas, da casa, dos filhos, da lavoura e dos animais das suas pequenas propriedades.



Figura 14 - Coletivo Acauã no Medium. Fonte: A autora (2022).

As duas primeiras publicações do Coletivo Acauã serviram como termômetro para afirmarmos a nossa abordagem diante das pautas e dos assuntos sobre os quais pretendemos tratar. O nosso conteúdo foi bem recebido pelos usuários das redes sociais (em menos de uma semana no ar, chegamos aos quase 400 seguidores) e a nossa iniciativa ganhou repercussão em alguns *blogs* e portais de notícias de grande e pequeno alcance que noticiaram o lançamento do Coletivo Acauã e a sua proposta de preencher lacunas noticiosas em desertos de notícias.

⁷ Disponível em: < <https://medium.com/@coletivoacaua/homens-viajam-para-arrumar-trabalho-e-mulheres-quilombolas-ficam-pra-cuidar-da-lavoura-da-casa-e-99cf03aea789>>.

⁸ Comunidade quilombola localizada na zona rural do município de Betânia, no sertão do estado de Pernambuco.

REPORTAGENS

Coletivo Acauã é a nova iniciativa de jornalismo independente no interior de Pernambuco

Marco Zero Conteúdo, em 08/05/2022, 14:26.



Crédito: Coletivo Acauã

Figura 15 - Publicação do coletivo de jornalismo independente Marco Zero Conteúdo. Fonte: Marco Zero Conteúdo (2022).



Figura 16 - Publicação do site do Portal dos Jornalistas. Fonte: Portal dos Jornalistas (2022).

'Coletivo Acauã' é a nova iniciativa de jornalismo independente nos municípios de Betânia e Flores, Sertão de Pernambuco

9 de maio de 2022 Por [Pedro Araújo](#)



Figura 17 - Publicação do blog Pe Notícias. Fonte: Blog PE Notícias (2022).

7 CONCLUSÃO

O jornalismo local e independente é um importante instrumento para a difusão de informações sobre e para locais que não têm uma cobertura de imprensa local e independente de anúncios e interferências políticas. Com a população informada e, de algum modo, se reconhecendo nas informações que consome cotidianamente, é possível construir socialmente um espaço que suporte observações, discussões, reflexões e até soluções para problemas sociais que não são iluminados pela mídia corporativa e tradicional.

Com as primeiras publicações do Coletivo Acauã e a observação das interações e respostas dos leitores ao nosso conteúdo até aqui, foi possível confirmar que, no jornalismo, é necessário pensar em abordagens que tratem do cotidiano de lugares e pessoas que provavelmente não seriam assunto ou pauta para determinados veículos de comunicação.

As primeiras experiências do coletivo também mostraram que, para as fontes - personagens que integram essencialmente a produção jornalística – o reconhecimento e a atenção às suas histórias, aos seus anseios, e também aos seus problemas, é algo gratificante e de grande importância. Há significados positivos na fala de Dona Gera do Beiju, quando ela me envia mensagens contanto que compartilhou o texto escrito a seu respeito com amigos e familiares que, reconhecendo a agricultora nas informações de que estão diante, se alegraram com uma sensação que imagino ser de pertencimento, além do reconhecimento.

A construção de projetos e a atividade de veículos de jornalismo independentes que têm autonomia e coragem para tratar do que socialmente é necessário, sem amarras, precisam ser viabilizadas e socialmente assimiladas. Assim, poderemos pensar a cobertura local em pequenos municípios como Betânia e Flores, considerando o afastamento da interferência de interesses privados, visando, apenas, o propósito de informar a população e dar visibilidade às suas ações e necessidades.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PÚBLICA. **Mapa do Jornalismo Independente**. Disponível em: < <http://apublica.org/mapa-do-jornalismo/> >. Acesso em 15 de outubro de 2021.

AMAZÔNIA REAL. **Sobre**. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/por-que/>. Acesso: 30 mar. 2022.

BORBA, Raíza Goi. **Jornalismo Local: espaço para o debate do desenvolvimento regional**/ Raiza Goi Borba – 2019.

CAPUTO, Stela Guedes Caputo. **Sobre Entrevistas**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2010.

CHOMSKY, Noam & HERMAN, Edward. **A manipulação do público**. São Paulo: Futura, 2003.

LACERDA, D. M. **O jornalismo digital independente no Brasil e a busca da credibilidade perdida**. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2016.

LIMA, V. **Existe jornalismo independente?** (2009) Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/existe_jornalismo_independente/. Acesso em 27/06/2022.

MARCO ZERO CONTEÚDO. **Sobre**. Disponível em: < <https://marcozero.org/sobre/> > Acesso em 12 de junho de 2022.

PROJOR - Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. **Atlas da Notícia**. Disponível em: https://www.atlas.jor.br/graficos/atlas_relatorio_v2.pdf. Acesso em 07 de junho de 2020.

RAMOS, D. O. **Iniciativas de Jornalismo Independente no Brasil e Argentina**. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 114-123, 2015. DOI: 10.11606/extraprensa2015.104463. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/epx17-a09> > . Acesso em: 7 maio. 2022.

REIS, Mariana. **Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil**. Revista Vozes e Diálogo, Itajaí, v. 16, n. 01, jan./jun. 2017.

TENÓRIO, F. G. **(Re)visitando o conceito de gestão social. Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, ano. 3, n. 5, p. 101-124, jan./jun. 2005.

APÊNDICE A – CONTEÚDOS PRODUZIDOS PELA AUTORA

Perfil: “Agricultura é barriga cheia”: Conheça dona Gera, a produtora da goma de macaxeira mais famosa do Lombo das Areias, no Sertão⁹

A goma produzida pela agricultora faz tanto sucesso, que, para vendê-la, dona Gera não precisa nem ir até a cidade, os clientes é que vão até ela, na zona rural. Por mês, as vendas chegam a ultrapassar os 250 quilos do produto. O dinheiro que recebe é utilizado para custear despesas básicas da casa, pagar a conta de energia e as mensalidades do plano de internet que a agricultora adquiriu há pouco mais de um ano.

Dona Gera do Beiju cresceu trabalhando em casas de farinha, plantando, colhendo, raspando, moendo e lavando a massa da raiz, para extrair o amido e produzir a goma que hoje vende em casa. O seu plantio de macaxeira, que mantém com a ajuda do marido, é orgânico. Eles não fazem uso de nenhum tipo de agrotóxico ou adubo químico no cultivo da raiz. Quando necessário, utilizam apenas esterco animal para a adubação do solo.

Trabalhando no roçado, Antônio cava as covas na terra e Dona Gera planta as manivas, que são pedaços do caule da planta da macaxeira. O casal também trabalha junto na colheita e em outras tarefas da propriedade, mas, na casa de farinha, o trabalho fica por conta da agricultora. Da raspagem da raiz, até a pesagem e embalagem da goma.

A propriedade do casal tem pouco mais de 25 hectares e, em boa parte do terreno, dona Gera e seu Antônio também cultivam milho e algumas frutas, mas a principal cultura é a da macaxeira. E o cultivo é dos dois tipos: da macaxeira mansa e da macaxeira brava.

A mansa é aquela que compramos na feira e cozinhamos em casa. Essa, Gera e Antônio plantam e colhem para consumo próprio. Já a brava, é mais utilizada para a produção da goma, da farinha e outros derivados. Por possuir um alto teor de ácido cianídrico, esse outro tipo de macaxeira não deve ser consumido sem antes passar por alguns procedimentos de lavagem, moagem, separação e secagem. É que o ácido cianídrico é uma substância que, quando consumida, toma o espaço do oxigênio no sangue, podendo causar náuseas, tonturas, asfixia e até levar à morte, dependendo da quantidade ingerida.

O escritor mineiro Guimarães Rosa, na década de cinquenta, já falava sobre as propriedades e variedades da macaxeira, em *Grande Sertão: Veredas*:

“(...) Melhor, se arrepare: pois num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o

⁹ Disponível em: <<https://medium.com/@coletivoacaua/agricultura-%C3%A9-barriga-cheia-conhe%C3%A7a-dona-gera-a-produtora-da-goma-de-macaxeira-mais-famosa-do-e9fe2b77d276>>

senhor já viu uma estranhez? A mandioca doce pode de repente virar azangada — motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas — vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal. (...) Arre, ele (o demo) está misturado em tudo” (2001, p. 27)

Dona Gera do Beiju tem um grande respeito pela terra e pelo seu trabalho. “Aqui, nós vivemos da agricultura e com a agricultura vamos permanecer. A agricultura, pra mim, é barriga cheia. Tenho o maior prazer em ser agricultora, de ter condições de colocar o alimento na minha casa, sem ter o trabalho de ir lá no mercado comprar. Nasci e me criei nesse sistema e irei permanecer nele”.

A agricultora diz que nunca quis fazer outra coisa na vida, além de lidar com a terra. “Eu estudei até a quarta série. Ainda fiz curso de corte e costura, artesanato. Sempre busco o conhecimento, ainda que pouquinho, de uma coisa aqui e outra ali, mas nada é como a agricultura. Eu acho que nasci pra ser agricultora mesmo”.

Reportagem: “Homens viajam para arrumar trabalho e mulheres quilombolas ficam pra cuidar da lavoura, da casa e dos filhos”¹⁰

Todos os anos, mais da metade dos homens do Quilombo Teixeira que estão na faixa etária considerada como “economicamente ativa” viajam para trabalhar com o corte de cana em engenhos dos estados de Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro. Esta comunidade quilombola, na zona rural de Betânia, no sertão de Pernambuco, a 349 quilômetros do Recife, é formada por pouco mais de 90 famílias.

São seis, sete, até nove meses longe de casa. Entre os homens, praticamente, só permanecem em Teixeira as crianças, os aposentados e quem tem a sorte de possuir um emprego fixo em algum outro lugar do município. As mulheres que são casadas com cortadores de cana também permanecem na comunidade e trabalham sozinhas, cuidando dos filhos, da casa, dos animais e da roça.

São os casos das agricultoras Josefa Eva, de 38 anos, Josielma dos Santos (conhecida como Nelma), 32, e Maria das Graças (conhecida como Pretinha), de 44. Casadas com agricultores que trabalham com o corte de cana e, de segunda a sexta, também precisam se dedicar a uma jornada de trabalho intensa e pesada.

Josefa Eva é agricultora desde criança, sempre trabalhou plantando e colhendo. Quando casou com Josias Manoel, 41, há mais de 20 anos, além de continuar trabalhando na roça, passou a ser responsável por cuidar das três filhas do casal, dos animais que pertencem a eles e da casa. Josias começou a trabalhar cortando cana no final da década de 90 e, de lá para cá, só passou um ano inteiro em casa. O engenho para onde ele costuma viajar fica localizado no estado de Alagoas, no município de Coruripe, a pouco mais de 80 quilômetros de Maceió.

¹⁰ Disponível em: < <https://medium.com/@coletivoacaua/homens-viajam-para-arrumar-trabalho-e-mulheres-quilombolas-ficam-pra-cuidar-da-lavoura-da-casa-e-99cf03aea789>>

“Vou pra roça de carro de boi, de moto. Antes, ia a pé. O período que ele [Josias] viaja é difícil porque a gente faz tudo sozinha, né? É bastante coisa pra dar conta, é bem complicado. Mas, ele precisa se deslocar para trabalhar. Aqui não tem emprego fixo pra ninguém”, conta Josefa.

Este ano, Josias Manoel deve viajar para passar pelo menos 9 meses longe de casa. Pela segunda vez, em quase duas décadas de casamento, Josefa deve acompanhá-lo. Marta, a filha mais nova, de 10 anos, vai viajar com o casal. As outras duas, Jamile e Josiérica, de 13 e 17, ficarão com as tias, irmãs de Josefa. Os animais também ficarão sob responsabilidade de familiares da agricultora.

Bem perto da casa de Josefa, mora a agricultora Nelma. Ela é casada com Aelson João, 35, há mais de 12 anos. Ele também sempre trabalhou com o corte de cana e deve viajar **para** Pindorama (outro município de Alagoas) em setembro deste ano e ficar por lá por pelo menos seis meses.

O casal tem dois filhos: Adryan e Andrey, de 11 e cinco anos. Nelma nunca chegou a acompanhar o marido. Durante todo o tempo de casada, permaneceu vivendo e trabalhando no quilombo Teixeira. O seu filho mais novo é autista, foi diagnosticado aos três anos. A agricultora conta que, dentro da sua rotina, precisa se dedicar principalmente ao acompanhamento médico do filho. “Eu nunca fui com ele [Aelson] porque tem muita coisa aqui pra fazer. E o meu filho mais novo é autista. Além de todo o trabalho que tenho na roça, com os bichos e em casa, preciso cuidar dele. Do tratamento dele. Não posso viajar e deixar ele aqui — coisa que nunca nem pensei”.

Todos os dias, Nelma acorda às cinco da manhã e enfrenta uma jornada bastante cansativa. “Levanto cinco horas. Faço café e solto as cabras no mato. Depois, levo os meninos pra escola e vou pra roça. Mais tarde, volto em casa pra fazer o almoço e buscar eles. Arrumo a casa e, quando precisa, volto pra roça de novo. Quando chego em casa de vez, é hora de recolher as cabras e me preparar pra dormir com os meninos. É uma correria”.

Esse ano a chuva chegou tarde no quilombo Teixeira. A água veio muito tempo depois do plantio. Quem conseguiu colher, colheu pouco. Numa quantidade insuficiente para o consumo até a próxima safra.

Josefa e Nelma ainda conseguiram tirar da terra um pouco de milho e feijão, mas a agricultora Pretinha não teve a mesma sorte. A sua roça não deu nada esse ano. Em março, antes de viajar para cortar cana em um engenho de São Francisco do Itabapoana (interior do Rio de Janeiro), o seu marido, Carlos Rosa, 47, ainda preparou a terra para o plantio, mas o sol queimou o que estava brotando.

Pretinha e Carlos estão casados há 20 anos e têm dois filhos e uma neta. Josielson, 25, viajou para o Rio de Janeiro para trabalhar com o pai. Com Pretinha, ficaram Jaqueline, 23, e a sua filha Maria Liz, de 3 anos. Como outras agricultoras, Pretinha também precisa cuidar da terra, dos animais, da casa e da neta, quando a sua filha precisa se ausentar.

No quilombo Teixeira, a rotina das mulheres cujos maridos precisam se deslocar para trabalhar com o corte de cana em outras cidades e estados é, praticamente, a mesma. Nitidamente, há um grande acúmulo de funções na vida e no trabalho dessas

mulheres. “Por aqui, o agricultor vive no meio do mundo. As mulheres ficam em casa, cuidando de tudo. É difícil quando um filho adoece e a gente tem que cuidar sozinha, além de dar conta de todas as outras coisas. No inverno, nós temos que plantar, capinar e colher. Eles deixam só a terra arada e o resto é a gente quem faz. É muito difícil”, conta Pretinha.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) de 2020, as mulheres que trabalham dedicam cerca de 18,5 horas todos os dias para realizar tarefas domésticas e cuidar de pessoas da família, especialmente dos filhos. Já com relação aos homens empregados, a pesquisa mostra uma dedicação de 10,4 horas para essas atividades. A diferença é de mais de oito horas.

GÉSSICA MARIA BEZERRA DE AMORIM

COLETIVO ACAUÃ:

uma proposta para pensar o jornalismo local e os desertos de notícia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Comunicação Social do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de relatório científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Comunicação Social.

Aprovada em: 29/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fabiana Moraes da Silva (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Sheila Borges de Oliveira (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Laércio Portela Delgado (Examinador Externo)

Marco Zero conteúdo